

# **1<sup>a</sup> Parte**

---

**Estudios**

# Artur Eduardo Benevides: Um Artista Humano e Divino

Giselda Medeiros

Heschel, em inspirada página do volume *Deus em Busca do Homem*, assim se expressa: *Poucos são capazes de se elevar em raros momentos sobre o próprio nível da terra. Mas é nesse momento que descobrimos que a essência da existência humana consiste em estar suspenso entre o céu e a terra.*

Toca-nos este pensamento definidor do poder encantatório da natureza, essência intrínseca do ser, quando terminamos de ler Artur Eduardo Benevides em *Elegia Setentã e Outros Poemas de Entardecer*.

Com efeito, sentimos aflorar-nos a essência, suscitada pelo êxtase da Poesia, porque o Autor tem esse dom: o de nos colocar entre o céu do poema e a terra fecundada pelo sêmen da metáfora. Sabe ele nos conduzir a esse *intermezzo*, a esse paraíso suspenso, aonde vamos abeberar-nos do vinho sagrado e do pão, consubstanciados do Belo.

Pelas trilhas de *Elegia Setentã*, visualizamos, com os olhos cheios de admiração, “*a vereda da poesia*” onde nos deparamos com *um guardadôr de metáforas e navegações* ou *um pobre D. Quixote a imitar a esperança de uns olhos de criança*, enquanto “*ao longe, ouve-se o som da última pavana*”.

Falar de Artur Eduardo Benevides é falar da própria Poesia, pois é nele que ela encontra seu nascedouro e sua foz. É ela que o mantém em juventude para enlear-se à Amada, confundindo-se, inteiro, corpo e alma, *n'uma lágrima pendente* ou *na divina tolice dos que amam*, sem temer, contudo, o plúmbeo tom do outono, quando *os cabelos já tomam a cor das despedidas*, pois seu maior temor é o *de morrer longe dos olhos da Mulher Amada*. E, embora reconhecendo os efeitos da marcha inexorável do tempo, que flui sobre tudo com fúria indomável, poeta, que é, desabafa em seu “Segundo Soneto dos Setent’Anos: *Recuso-me, contudo, a envelhecer. / Um grande amor chegou. Por que morrer? / Por que sentir as*

*cousa, terminadas?* ‘para, em seguida, aceitar a brutal realidade ontológica: *Não posso ser eterno. Sou tão pouco!*’”.

O sonho, um dos temas sempre presentes no universo criacional arturiano, ganha relevo especial no “Soneto dos Sonhos”, em que o poeta se define um ser onírico, recorrente, e, por força disso, eles sempre voltam *belos como as aves a recompor os rumos mais perdidos*. E o poeta sabe que *sonhar é preciso*, como reforça no “Soneto Autobiográfico” que, pela beleza sugestiva das imagens, chega-nos como uma tela fotográfica de si mesmo. E quem o conhece, sabe-a verdadeira e autêntica. Vejamos estes versos: *O meu modo solene, o jeito vago, / A metódica forma de enfrentar / Os problemas, as lutas, o desar / E as outras cousas que em silêncio trago, / Nasceram quais nenúfares no mar, / Ou serenas visões de um grande lago. /... / Habito etérea torre em decadência, / Mas essa é minha marca de existência. / O meu destino. Ou sorte. Ou meu fanal.*

A presença de Thanatos também é constante e traz ao *Elegia Setentã* um certo tom de desalento, pondo em evidência a condição indigente dos seres. No entanto, é *ao pé do Amor* e nos braços da Amada que ele se refaz e canta altíssimo, como nestes versos de “Utopia”: *Poeta e amante sendo, em mim o sentimento / Deixou de ser maré ou ímpeto de rio. / Mas sigo altivo e lanço longo desafio / A tudo o que em tristeza vem na voz do vento*. E arremata em “Improviso”: *Ainda assim, Amada, ainda assim, / A Deus, agradecido, louvarei, / Porque, ao te encontrar, eu me encontrarei*”.

Aliás, a inelutabilidade da morte é para Artur um dos temas mestres, como o é para o universo rilkeano: *A Morte é grande. / Nós somos suas / bocas ridentes: / se fala a Vida por nossa voz, / Ela, atrevida, / soluça em nós*. E é esse universo desconhecido da Morte, que nos oprime, o que nos faz pensá-la como infame criatura cheia de iras, a nos tolher inapelavelmente. E, quando mais queremos viver, eis que, de dentro de nós, ela salta com sua surda foice e nos interdita.

Hegel considera a arte como um produto da fantasia e a vê como um dos fenômenos mais típicos do homem, sugeridos pela sua natureza espiritual. Portanto, para a expressão do Belo, é necessário, sobretudo, uma síntese de imaginação e sentimento, sob uma boa dose de talento, como é o caso de Artur Eduardo Benevides. Ele

sabe, com mestria, transpor a arte do plano abstrato para o concreto. É um poeta fecundo, superdotado de inteligência, e sua arte é, por isso, autotranscendente. Sua poesia é um vértice de luz a projetar-se na eternidade dos tempos, superando a finitude do espaço físico. É um artista humano e divino, pois, efetivamente, sabe despertar em nós a “essência”, pondo-nos suspensos entre o “céu e a terra”.

*Elegia Setentã e Outros Poemas de Entardecer*, projeto gráfico da Editora ABC Fortaleza, 150 páginas, é, pois, genuína expressão da arte, *ipse litteris*, constituindo-se um verdadeiro canto outonal, cujas notas marcantes são o amor, a saudade, o sonho, a melancolia, a solidão, a morte, o mar. O mar - esse guardião de espantos - que sempre atraiu o poeta e *se transfigura nas noites do poema*.

É com essas notas musicais que Artur Eduardo Benevides tece sua canção setentã. E, enlevadas, as musas vêm roubar do tempo a eterna juventude para vertê-la sobre a fronte do Príncipe-Poeta, já ungida pelo beijo vivificante da Amada, que o envolve com sua “paz de nuvens e canção”.